

A INSEGURANÇA DO PRESENTE PROVOCADA PELA “DECADÊNCIA DO FUTURO”*

Selvino José Assmann

Professor do Departamento de Filosofia do CFH/UFSC

Ouvindo a fala de Edgar Morin, satisfizes-me, antes de mais, perceber que sabedoria consiste em ver as coisas complexas de forma simples. Este ideal de sabedoria faz falta numa academia em que vivemos a nos preocupar tantas vezes em mostrar nossa inteligência apelando para uma espécie de “inacessibilização” dos nossos discursos. Neste sentido, Morin situa-se na tradição francesa que remonta aos sábios quase renascentistas Pascal e Montaigne, autores - amiúde citados por Morin - que vivem precisamente num momento de transição, ou de crise, assim como parece ser de crise e/ou de transição o nosso tempo.

Morin insistiu aqui, como o fez em obras como **Para sair do século XX**, em que vivemos numa idade paradoxal: a possibilidade de construir a humanidade põe-se contemporaneamente com a possibilidade de a destruir. O otimismo convive contraditória e tensamente com o pessimismo. Disse o conferencista que estamos vivendo na “idade de ferro planetária”, que se confunde com a percepção de que nós, seres humanos estamos sós. Não há mais como apelar para os deuses; não há mais como apelar para nenhuma força para além de nós mesmos. Por outras palavras, talvez como nunca antes na história humana, os seres humanos sentem-se os únicos responsáveis por si próprios, pelo mundo, por aquilo que aconteceu, acontece e acontecerá. Mas esta consciência da responsabilidade caminha **pari passu** com a descrença na possibilidade de se construir o mundo perfeito, possibilidade que, por tantos séculos, sustentou a história ocidental, e justificava, perdendo-as facilmente, as nossas tragédias, expressas pelas revoluções, pela miséria de maiorias, pelos totalitarismos.

Neste quadro ocorreu o colapso do socialismo real e, ao mesmo tempo, nós, brasileiros, mais do que os europeus, ou, nós dos “dois terços” do mundo mais do que o “primeiro mundo”, somos bombardeados pela pregação ufanista da utopia liberal, ou seja, da utopia do mercado. Mesmo que com esta

* Intervenção como debatedor após conferência do Prof. Edgar Morin - UFSC - novembro de 1993

utopia se diga que as ideologias apodreceram definitivamente, que já não importam, e que conta unicamente a economia do mercado, a lucratividade, a competitividade; mesmo que se afiance que a qualidade da vida estabeleceu sua morada exclusiva nas redes do mercado, e que por isso lucro, competição, mercado e qualidade total sejam conceitos - sem dúvida vitoriosos no imaginário social - eticamente limpos, neutros, bons em si; ou mesmo que não se admita nada disso, preferindo-se abdicar de qualquer racionalidade; contudo, é inegável o predomínio da crença de que um dia (basta ter alguma paciência!) todos os povos se submeterão a esta santa razão econômica, que é também, no senso comum, a santidade da razão tecnológica; e é incontestável a supremacia da crença de que um dia o egoísmo atual do mercado vai se converter inevitavelmente em altruísmo, de forma que os dois terços hoje excluídos e em dificuldade de sobreviver vão ter chance de alcançar a felicidade. Por outras palavras, dificilmente se reconhece que, ao lado do colapso do socialismo real, e talvez por causa deste colapso, urge fortalecer o caráter utópico do liberalismo real que está aí, projetando cinicamente e com dados à mão que a economia de mercado só poderá envolver em seu manto de veludo, como produtores e consumidores, cerca de um bilhão e meio de seres humanos, e não a todos os outros (cerca de quatro bilhões). Neste contexto, constata-se nas projeções da economia de mercado para os próximos decênios que boa parcela da humanidade não terá nem a chance de vender a sua força de trabalho, de se tornar operário, mas deverá dar um jeito de sobreviver sem emprego. E isso nem Marx explica!

Diante deste quadro, o professor Morin muito justamente assinala que não compartilha da crença na racionalidade do mercado, mas acredita que, apesar da ambivalência da política, a saída é política, e mesmo que se modifique o que atualmente se entende por política; que não nos podemos contentar com o *homo faber*, mas devemos poder contar com o *homo sapiens* que é também *homo demens*. Nesta perspectiva incerta e sem garantias, contudo radicalmente humana, o que sobrou do socialismo para alguém que, como Edgar Morin, há mais de quarenta anos foi expulso do Partido Comunista Francês? O senhor fala de aposta - e concordo em que de aposta se trata, quando nos confrontamos com um mundo humano, capaz de bem e de mal ao mesmo tempo. O que esta aposta tem a ver com o socialismo, mesmo que não seja com o socialismo real que se baseou numa visão determinista, hoje inaceitável? O que constitui esta aposta que se dá no âmbito político?

O Professor Morin sugere que hoje nos damos conta da "decadência do futuro", ou seja, de que já não podemos ter a garantia de um futuro paradisíaco de nenhuma coloração ideológica, e por isso se vêem pelo mundo lutas como aquelas da ex-Iugoslávia, em que povos diferentes procuram recuperar sua autonomia étnica... Trata-se aqui de buscar uma solução voltando para o passado. Da mesma forma pode ser lida a onda de nacionalismo e de funda-

mentalismos. Mais dramática, nesta circunstância, é a situação dos latino-americanos, especificamente dos brasileiros: se já não temos futuro, também nos insatisfaz o presente e - valham-nos os deuses do Olimpo! - não temos nem passado a recuperar. Ou seja, não temos identidade nacional, como a têm outros povos em dificuldade atualmente. Não temos "história", no sentido de consciência histórica, e por isso não temos raízes. Para quem não as tem, não adianta redescobrir, mas se trata de criá-las. E aí? Como ficam os povos que são condenados a apelar para o futuro, se o futuro está em decadência? Qual o caminho para quem desenraizado e ciente de que o futuro já não é garantido, precisa apostar em algo melhor precisamente neste futuro?

Outra pergunta sugerida por Morin, diretor de renomado Centro de Pesquisas, concerne à atividade científica. Se até há pouco - diz o autor - a ciência trazia e prometia certezas e, com elas, a solução para os problemas, hoje este conhecimento científico "desemboca em insondáveis incertezas". Por outras palavras, a fé não foi substituída pela ciência e pela razão. A esperança na ciência tornou-se insegura. Aliás, "de agora em diante, só devemos crer em crenças que comportem a dúvida no seu próprio princípio" (**Para sair do século XX**). E isso atinge o coração da sacralidade ou da pretensa neutralidade da tarefa acadêmica, e também perturba o direito-dever do cientista que, até há pouco, pensava que só a especialização cada vez maior e o trabalho isolado de cada especialista seriam capazes, juntos, de manter a pureza da ciência. Daí porque, de tantos lados, se sente hoje a necessidade de trabalhar já não isoladamente, mas inter (ou trans-)disciplinarmente. Não seria a perspectiva interdisciplinar a maneira contemporânea de a academia apostar, a maneira de os intelectuais fazerem a sua "aposta política", seu "jogo da vida social" (expressões de Morin)? E o que é este jogo interdisciplinar "da verdade e do erro" num tempo em que já sabemos de antemão que pouco podemos saber e, ao mesmo tempo, percebemos que o que fazemos e fazemos pode custar a própria vida humana? O que este jogo interdisciplinar pode proporcionar-nos? É a perspectiva interdisciplinar do trabalho intelectual um modo de superar os limites tradicionais desta tarefa, cuja execução tem servido a muito poucos seres humanos, excluindo, em nome da construção do grande projeto salvador e definitivo, maiorias de populações que correm, mais do que nunca talvez, o risco de morrer? Não é a especialização cada vez maior, enquanto acasalada com o isolamento corporativo dos intelectuais, um dos modos para se deixar incólume o totalitarismo das grandes teorias e das grandes revoluções?

Parece-me que são perguntas legitimadas e legítimas pela necessidade de se realizar a "convivialidade dos intelectuais" defendida por Morin.